



**Etnomusicologias no Brasil:
caminhos trans/formativos, dilemas
e desafios vividos e por vir**

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

**MADEIRA QUE CUPIM NÃO RÓI: ETNOMUSICOLOGIA COLABORATIVA DE GRANDES
DADOS**

GT 06 “ETNOMUSICOLOGIA AUDIOVISUAL: USOS E PERSPECTIVAS”

Fabiano de Cristo Teixeira e Pinho Júnior (Universidade Regional do Cariri - URCA)
fabianodecristojr@gmail.com

Francisco Ferreira de Freitas Filho (Associação dos Voluntários do Bem Comum - AVBEM)
franciscofreittas@yahoo.com.br

Marcio Mattos (Universidade Federal do Cariri - UFCA)
E-mail: marciomattos@marciomattos.com

Michael Silvers (University of Illinois at Urbana-Champaign - UIUC)
msilvers@illinois.edu

Resumo: O projeto *Madeira que cupim não rói* tem como objetivo mapear e registrar rabequeiros do Ceará, por meio de recursos audiovisuais e armazenamento em plataforma virtual. Trata-se de uma coleta baseada em uma etnomusicologia colaborativa de grandes dados, cujo material catalogado servirá à pesquisa acadêmica, mas principalmente, para os rabequeiros. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, percebe-se a contribuição da metodologia utilizada para a etnografia em etnomusicologia neste momento de isolamento social, além de ser mais sustentável e ampliar o debate sobre atitudes decoloniais.

Palavras-chave: Rabeca. Luthier. Humanidades digitais. Etnografia experimental. Etnomusicologia aplicada.

Madeira que cupim não rói: Collaborative Big Data Ethnomusicology

Abstract: The objective of *Madeira que cupim não rói* is to map and record fiddlers in the state of Ceará, by way of audiovisual resources and archiving on a virtual platform. It is a data collection project rooted in a collaborative, big data ethnomusicology, whose catalogued material will be available for academic research, but primarily for fiddlers. Although the study is still in progress, the methodological contribution used for ethnography in ethnomusicology in this moment of social isolation, as well as the added sustainability and contribution to the debate on decolonial attitudes, is already observed.

Keywords: Rabeca. Luthier. Digital Humanities. Experimental Ethnography. Applied Ethnomusicology.

Introdução

O Ceará possui muitos mestres da cultura, pessoas reconhecidas em suas comunidades como autoridades em determinada área. Há alguns anos, por meio da Universidade Estadual do Ceará - UECE, o governo do Estado as reconhece através da concessão do título de *notório saber*,



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

oficializando seus saberes diante da sociedade.¹ Entre estes mestres estão rabequeiros, além de construtores de tais instrumentos (luthiers), como nos mostram as pesquisas de Carvalho (2018; 2006).²

Apesar de presente em todo o estado, a rabeca cearense - que outrora teve músicos reconhecidos nacionalmente - atualmente tem pouca expressividade na “cena musical”³ do estado. Os livros *Tirinete...* (CARVALHO, 2018) e *Rabecas do Ceará* (CARVALHO, 2006) apresentam-se como excelentes fontes de informação sobre a situação a respeito da rabeca e dos rabequeiros, inclusive nos mostrando que existe uma lista extensa de músicos. No entanto, apesar da importância destas obras, o formato em que são apresentadas é limitada quanto a dimensão sonoro-visual⁴, uma demanda importante, por se tratar de atividade musical e diante das formas de acesso e consumo artístico-cultural da atualidade. Isso não desmerece o trabalho, mas mostra a necessidade de atualização nas formas de registro e difusão.

O Ceará mantém uma política de editais de fomento a cultura e as artes, que tem contribuído com a manutenção de artistas e suas manifestações. Além da própria *Secretaria da Cultura do Estado - SECULT*, outras instituições como o SESC, o CCBNB, a *Caixa Cultural*, o CDMAC, e até mesmo o poder público municipal de algumas cidades oferecem tais oportunidades, mas muitos artistas não submetem projetos pela dificuldade que têm de entender o mecanismo de cadastro, além da burocracia da documentação.⁵ A *SECULT* possui uma plataforma de cadastramento interessante e importante

¹ O título é homologado pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Disponível em: <http://www.uece.br/noticias/uece-concede-titulo-de-notorio-saber-em-cultura-popular/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

² Devido a limitação de espaço para o texto, utilizaremos as palavras “mestre” e “rabequeiro” quando nos referirmos também a “mestra” e “rabequeira”, seguindo a norma culta, mas tendo consciência das dificuldades impostas pela língua portuguesa para contemplar a neutralidade, tendo em vista que o uso de “e”, “@” e “x” para exprimir uma linguagem neutra ainda não é aceita pela língua portuguesa.

³ Esse termo é muito utilizado no circuito da música comercial e representa o cenário de artistas, grupos, eventos, produção fonográfica e distribuição de música no âmbito da economia criativa. Eventualmente essa cena também é composta por mestres rabequeiros que interagem com a produção musical comercial, mas ainda é um espaço de predominância de jovens profissionais da música, geralmente ligados a um contexto urbano e com um conhecimento mais teórico e formal da música e do instrumento.

⁴ O livro *Rabecas do Ceará* traz um CD com 43 faixas selecionadas dentre os 104 rabequeiros catalogados. Já o projeto do livro *Tirinete* propôs uma playlist na plataforma YouTube com 68 registros em áudio dos 184 rabequeiros registrados nessa obra. Não está disponível nenhum vídeo e a quantidade de faixas de áudio (111 faixas nas duas obras) não representa o mesmo número de músicos, uma vez que alguns são registrados mais de uma vez.

⁵ Disponível em <http://editais.cultura.ce.gov.br/>. Serviço Social do Comércio - SESC. Disponível em <http://www.mostrasescdeculturas.com.br/>. Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB. Disponível em <https://www.bnb.gov.br/cultura>. Caixa Cultural. Disponível em <http://www.caixacultural.com.br/sitepages/unidade-home.aspx?uid=3>. Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - CDMAC. Disponível em <http://www.dragaodomar.org.br/>. Acessos em: 22 ago. 2021.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

chamada *Mapa Cultural do Ceará*,⁶ mas muitos sentem dificuldade para utilizá-la.

Há algum tempo tem sido comum que a coleta de dados – por meio do trabalho de campo – em Etnomusicologia envolva registros audiovisuais de agrupamentos musicais, pessoas, rituais e eventos. Equipamentos como gravadores de áudio, câmeras de vídeo e fotografia tem oferecido cada vez mais qualidade, fidelidade e facilidade de manuseio, mas ainda não são acessíveis para a maior parte da população.

No entanto, outros equipamentos têm se tornado comuns, pela necessidade do seu uso diário e pelo custo em comparação com equipamentos específicos. É o caso do *smartphone* ou celular. Atualmente, trata-se de um equipamento capaz de registrar áudio, vídeo, fotografia, possibilita escrever textos, editar o material produzido, salvá-lo e, posteriormente, enviá-lo para qualquer lugar do mundo via internet.

Durante a pandemia da *covid-19*, que nos obrigou a um isolamento social, as pesquisas de campo na área da música foram impossibilitadas.⁷ Diante de tantas atividades que passaram a ser realizadas de forma remota ou virtual, o registro das músicas e dos atores envolvidos em práticas culturais também precisava de uma alternativa.

Em 2019, deveria ter se iniciado uma pesquisa sobre os rabequeiros do Ceará, que exigia a coleta de dados *in loco*, a partir de viagens pelo estado, porém, devido a pandemia esta etapa da pesquisa foi suspensa. Ao longo do último ano (2020), integrantes da equipe do projeto com o intuito de buscar alternativas para que o trabalho pudesse ser realizado, repensaram os caminhos iniciais, delinearam novos passos e sugeriram outros procedimentos.

Nesta comunicação pretendemos mostrar alternativas adotadas pela equipe do *Madeira que cupim não rói*, para que o trabalho pudesse ser feito. Para o registro audiovisual dos rabequeiros do Ceará, adotamos um caminho conhecido, mas ainda pouco utilizado neste tipo de investigação: a etnomusicologia colaborativa de *big data*.⁸ Com isso pretendemos entender: 1) Qual a relevância desta metodologia para as pesquisas em Etnomusicologia? 2) Quais as dificuldades e problemas resultantes deste modelo de coleta de dados? 3) Qual a contribuição desta pesquisa especificamente

⁶ Disponível em <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

⁷ No Ceará, o isolamento aconteceu a partir de março, por meio de um Decreto do Governo Estadual. Disponível em <https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-N%C2%BA33.510-de-16-de-mar%C3%A7o-de-2020.pdf> Acesso em: 21 ago. 2021.

⁸ É colaborativa porque é pesquisa em equipe, incluindo os próprios rabequeiros e luthiers. Ver por exemplo: (SCHIPPERS, Huib; GRANT, Catherine, 2016).



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

para os rabequeiros do Ceará?

Madeira que cupim não rói é uma pesquisa em andamento e que deve se estender até o final de 2022. Ao final, esperamos demonstrar que tais procedimentos podem se tornar uma alternativa interessante e importante para a *pesquisa de campo decolonial* em Etnomusicologia.

Madeira que cupim não rói: Etnomusicologia multimídia de grandes dados em uma Era de Distanciamento Social

O projeto começou como um estudo da relação histórica e atual do capitalismo com a circulação da estética de timbre e dos materiais dos instrumentos musicais, tomando como estudo de caso a utilização da madeira pau-brasil para a confecção de arcos para instrumentos de cordas no mercado global e como contraponto os materiais utilizados pelos rabequeiros.⁹ A intenção era estudar a variedade de materiais e timbres utilizados e preferidos por músicos e luthiers da tradição inerentemente heterogênea da rabeca.

Devido as limitações impostas pela pandemia, a pesquisa fez a transição para um formato virtual. Os recursos financeiros disponíveis e originalmente previstos para viagens foram redirecionados para uma equipe de trabalho - uma jornalista, um gestor cultural, um cordelista, rabequeiros e etnomusicólogos - e suporte para uma plataforma de pesquisa *on-line*. Um rabequeiro envolvido no projeto propôs que, em vez de apenas coletar dados para fins acadêmicos e que resultaria em um livro baseado na proposta anterior, pudéssemos construir um recurso *on-line* multimídia para os próprios rabequeiros e luthiers. A plataforma, que terá um componente etnográfico/pedagógico voltado para o público, funcionará principalmente como algo semelhante a um “currículo lattes multimídia” para cada músico e luthier que participar. Este rabequeiro e ativista cultural também sugeriu que muitos dos participantes potenciais possuem telefones celulares e que podem usá-los para se candidatarem a editais de fomento a cultura, mas muitas vezes carecem de habilidade para fazer as tarefas exigidas para enviar suas candidaturas. Então, pensamos: Poderíamos criar algo que tenha valor didático para os mestres, além de seu subsequente valor prático na forma de um registro

⁹ A madeira da árvore pau-brasil é mundialmente conhecida como excelente matéria prima para a confecção de arcos para instrumentos de cordas friccionadas. O “longa documentário” *A Árvore da música* (2009), do diretor Otávio Juliano, faz referência ao pau-brasil como a única madeira possível para este fim, associando inclusive o destino da música erudita mundial a preservação desta madeira.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

multimídia de suas ideias e de seu trabalho? Assim nasceu o projeto *Madeira Que Cupim Não Rói*, cuja intenção é incluir mais de 150 artistas individuais.

A tecnologia sempre foi central para o projeto etnomusicológico, apesar da ambivalência característica dos etnomusicólogos em relação a ela (SOLIS, 2017). O potencial transformacional dos celulares para futuras pesquisas etnomusicológicas não deve ser subestimado: agora todos nós podemos ser Mário de Andrade¹⁰ ou Alan Lomax¹¹ e sem nenhuma bagagem, literal ou figurativa. Na verdade, a etnomusicologia colaborativa de *big data* baseada em celular não deixa de ser uma pesquisa qualitativa, com dados interessantes para a etnomusicologia, como os desafios dos artistas, a história oral, a música em si e seus instrumentos. Além disso, mesmo garantindo um número grande de depoimentos, tem até uma proposta de menor emissão de carbono do que a pesquisa que exige viagens de carro ou avião (GRANT, 2018).

Consideramos este projeto inspirado na *Pesquisa-Ação Participativa* (PAR) na perspectiva de Araújo (2008), Impey (2018) e Mendonça et al (2021), bem como em Cambria et al (2016). Projetos das humanidades digitais colaborativas, como *Feral Atlas*¹² da A. Tsing et al e *Dry Signals*¹³ de Silvers, resultaram em expressões etnográficas experimentais que confundem os limites entre arte e ciência. As colaborações multimídia das humanidades digitais permitem a polivocidade como um reconhecimento reflexivo da posicionalidade dos pesquisadores, bem como da contingência e variabilidade do conhecimento. Mais do que um banco de dados *on-line*, *Madeira que Cupim Não Rói* se tornará uma etnografia digital útil que dialoga com as preocupações da etnomusicologia fílmica: Quem filma? Câmera de quem? Quem edita?

A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza aplicada. Trata-se de um estudo de caso sobre rabequeiros do Ceará e a coleta de dados tem sido realizada por meio de um formulário *on-line*.

¹⁰ Fazemos referência às pesquisas de Mário de Andrade (músico, escritor e pesquisador de São Paulo), principalmente a *Missão de Pesquisas Folclóricas*, iniciada em 1938, onde foram feitos registros audiovisuais de diversas manifestações musicais tradicionais do Norte e Nordeste do Brasil. Ver mais em: Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/mario-de-andrade/missao/> Acesso em: 21 ago. 2021. O acervo desta Missão tem sido utilizado desde então como fonte de informação para diversos pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

¹¹ Alan Lomax foi um pesquisador, musicólogo e folclorista norte-americano (Austin, TX), responsável por um grande acervo de música tradicional dos Estados Unidos. Sua coleta de dados e análise subsequente a pesquisa de *cantometrics* tem sido polêmica entre etnomusicólogos norte-americanos. Sugerimos ver mais sobre isso em SAVAGE (2018).

¹² Disponível em: <http://feralatlases.org>. Acesso em: 23 ago. 2021.

¹³ Disponível em: <https://sensatejournal.com/dry-signals/>. Acesso em: 23 ago. 2021.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

As informações têm sido analisadas, explorando o potencial da ferramenta utilizada. Nosso primeiro passo foi desenvolver o formulário de pesquisa definindo, por exemplo: Que perguntas faríamos? Como poderíamos perguntar a eles? Tivemos conversas interessantes sobre questões de gênero musical - uma lista deveria ser incluída? quais gêneros? - e *status* de mestre (perguntando se são considerados mestres pela comunidade ou pelo Estado). O formulário pede informações gerais sobre si mesmos e sua arte, e eles são solicitados a enviar oito vídeos curtos nos quais respondem a perguntas específicas, além de fotos, gravações de paisagens sonoras e trechos deles tocando.

Em certa fase, a jornalista da equipe lançou uma campanha para que o projeto chegasse aos potenciais participantes. O projeto tem sido divulgado por meio de redes sociais, listas pessoais de e-mail e telefone, imprensa local e portal das instituições envolvidas.¹⁴ A proposta é que rabequeiros realizem o próprio cadastro na plataforma do projeto.¹⁵

A rabeça no Ceará

O Ceará é um dos estados do Brasil que tem a maior quantidade de rabequeiros e construtores de rabeça registrados em pesquisas, livros e sites especializados.¹⁶

Esse número apresenta duas realidades: a grande profusão de rabequeiros no Ceará e o esforço louvável de registro realizado, principalmente nos últimos vinte anos, com destaque para as pesquisas de Carvalho (2018; 2006), que lançou dois livros de referência para que o estado pudesse ter evidência nas bases de dados e em novas pesquisas e registros: *Rabecas do Ceará* (2006) e *Tirinete...* (2018), com fotos de F. Sousa. O primeiro apresenta uma lista de 104 rabequeiros, que cresceu uma década depois totalizando 184 rabequeiros e luthiers homens e uma mulher, Dona Ana de Umari, no Cariri cearense (CARVALHO, 2018). Esse número certamente é maior, pois os autores incluíram na

¹⁴ Para a divulgação, o projeto tem utilizado as redes sociais *Instagram* <https://www.instagram.com/mapearabec.ce/>, o *Facebook* <https://www.facebook.com/mapearabec.ce> e também possui uma página web <https://publish.illinois.edu/madeiraquecupimnaoroi/>. Além disso, tem sido divulgado também por e-mail e listas de números pessoais, por meio do aplicativo *WhatsApp*. Acessos em: 27 ago. 2021.

¹⁵ A plataforma pode ser acessada na internet pelo link a seguir: <https://go.illinois.edu/rabecas>

¹⁶ O site *rabeça.org*, que tem como objetivo "disseminar, colecionar e preservar informações sobre a rabeça brasileira e portuguesa, o rawé (ravé, rabé, rabel) guarani e outros instrumentos de cordas friccionadas semelhantes artesanais," conta com 84 rabequeiros cearenses, em 204 registros, sendo 66 em áudio, 83 em texto, 12 vídeos, 42 fotos e 01 partitura. São Paulo, segundo estado no número de rabequeiros catalogados nessa base de dados, figura com 41 nomes. O trecho do objetivo foi retirado da apresentação do site *Rabeça.Org*. Disponível em <https://rabeça.org/>. Acesso em: 20 ago. 2021.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

pesquisa apenas os "rabequeiros da tradição". Esse recorte não contempla jovens ligados ao contexto da música urbana, do circuito comercial e registros fonográficos, do trabalho autoral, das trilhas teatrais e produção audiovisual e da educação musical, com atuação dentro e fora do estado.

Apesar disso, a música de rabeca cearense parece não ter um reconhecimento que seja correspondente a importância e expressividade de um conjunto de manifestações musicais que a tem como instrumento principal ou acessório nesse território. Essa grande ocorrência, é acompanhada de uma qualidade musical importante, como no caso do virtuosismo da música de rabeca dos *Reisados de Caretas* e dos *Forrós de Rabeca* do Sertão dos Inhamuns e da Serra Grande, mas não se converteu em um circuito de oportunidades para que esses artistas tivessem reconhecimento e figurassem em programações culturais (estaduais ou nacionais) e até mesmo tivessem seus repertórios registrados em uma produção fonográfica comercial, como aconteceu em Pernambuco.¹⁷ Em 1990, houve no Ceará o *Movimento Cabaçal* inspirado no Movimento *Mangue Beat* (PE). Esse movimento lançou bandas como *Dr. Raiz* e inspirou outras como *Zabumbeiros Cariris*, ambas do Cariri (CE) e *Fulô da Aurora*, de Fortaleza (CE) que levaram aos palcos a rabeca como instrumento solista.¹⁸ No entanto, essa produção não foi suficiente para dar maior expressão para a rabeca cearense no cenário musical.

Podemos associar a presença marcante da rabeca em quatro manifestações tradicionais no Ceará: a Cantoria, o Reisado, as Danças de São Gonçalo e os Forrós de Rabeca. Geograficamente temos maior expressão da música de rabeca nas regiões do Sertão dos Inhamuns, Serra Grande (planalto da Ibiapaba) e Cariri, este último, berço de rabequeiros históricos como os cegos Aderaldo e Oliveira, os principais responsáveis por colocar a rabeca nos registros das cantorias de repente. A região atualmente tem registrados 8 rabequeiros e 1 rabequeira (CARVALHO, 2018), de onde figuram também importantes construtores.¹⁹

A Serra Grande conta com 33 rabequeiros e o Sertão dos Inhamuns com 67 (Ibidem). Nessas regiões se destacam os virtuosos Mestre Totó, Antônio Barroso, Toinho Barroso, Zequinha Nóbrega e Quincas da Rabeca. A principal escola estética de rabeca dessas regiões está fundamentada no tripé:

¹⁷ No estado vizinho, Pernambuco, rabequeiros como Luiz Paixão, Siba Veloso, Cláudio Rabeca (potiguar radicado em Pernambuco), Alberone, Aglaia Costa, Thiago Martins, Mestre Salustiano, seu pai João Salustiano e seus filhos Maciel Salu e Dinda Salu, para citar alguns, há algumas décadas integram a agenda da economia criativa.

¹⁸ Sobre o Movimento Cabaçal sugerimos ver: Costa (2007).

¹⁹ Na área da construção de rabeca é importante citar os nomes de: Di Freitas, Mestre Totonho, Mestre Antônio Pinto, Mestre Gil Chagas e Mestre Aécio Ramos. A região também conta também com jovens artistas como: Beto Lemos, Evânio Soares, Sidália Maria, Jean Alex e Fabiano de Cristo, para citar alguns.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

Reisado de Careta, Dança de São Gonçalo, Forrós de Rabeca.²⁰

Distâncias e distanciamentos: barreiras geográficas, culturais e sanitárias

O projeto nasceu do “bate-papo” em redes sociais entre dois amigos músicos que são muito próximos, apesar da distância física que os separam (Juazeiro do Norte-CE e Champaign-IL, nos EUA). Enquanto conversavam sobre a pandemia da *covid-19* e as suas consequências, principalmente para a Cultura Popular, começaram a pensar nas mudanças surgidas. Integrantes dos grupos de tradição tiveram suas fontes de renda afetadas, com a suspensão das festas tradicionais. Tiveram que se reinventar e se adaptar, aproveitando habilidades que são grandes qualidades que mantém viva a tradição.

Este período causou mudanças nas relações entre as pessoas e as tecnologias, e apesar da aparente democratização das redes sociais e suas ferramentas, este “universo” ainda é restrito.²¹ Apesar disso, algo tão comum, útil e necessário quanto o celular converte-se no equipamento adotado na pesquisa como ferramenta audiovisual de inclusão. Alguns mestres da cultura fazem “lives”, participam de programas virtuais, de entrevistas, oficinas e apresentações *on-line*. O projeto que antes visava a realização de um estudo sobre a variedade de materiais para a confecção de rabecas e arcos e sobre os timbres preferidos pelos músicos e luthiers, passou a uma proposta de criação de uma ferramenta audiovisual de inclusão digital e visibilidade para os rabequeiros e luthiers, onde cada um, utilizando seu próprio celular pode “alimentar” o sistema, enviando dados sobre seu trabalho, sua vida e sua arte.

A plataforma vai além dos objetivos acadêmicos. O uso do celular como ferramenta auxiliará os mestres, pois alguns não sabem escrever e a possibilidade de gravar mensagens em áudio e vídeo

²⁰ Os *baiões de careta*, tocados para performances de dança com sapateados vigorosos, são compostos por melodias aceleradas e bem elaboradas, de difícil execução. As *Jornadas de São Gonçalo* trazem a presença de ritmos ternários como valsas e mazurcas. Já os *Forrós de Rabeca* compõem um acervo rico de melodias instrumentais com harmonias elaboradas, melodias bem construídas com o uso de arpejos, cromatismos e padrões rítmicos que mesclam de forma equilibrada as síncopes características e as semicolcheias, onde os graus conjuntos flutuam em desenhos muito criativos e virtuosísticos.

²¹ Kamila Camilo, em publicação de 2019, na página web do *Instituto de Referência em Internet e Sociedade* mostra que, até 2018 “[...] 4 em cada 10 brasileiros não tinham acesso a internet [...]”, mas, segundo levantamento de 2019 havia 230 milhões de smartphones ativos no Brasil. Embora seja possível crer que existem pessoas que possuem mais de um aparelho, enquanto outros não tem nenhum, a diferença entre o número de smartphones e o número de pessoas que têm acesso a internet (cerca de 85 milhões) é muito grande. Disponível em <https://irisbh.com.br/democratizacao-do-acesso-a-tecnologia/>. Acesso em: 1 set. 2021.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

é uma boa opção, além do enriquecimento dos seus currículos. Assim, movidos pelos laços de afetos e reconhecimento a estes artistas e pelas necessidades atuais, pertencer a esse novo território virtual se faz necessário.

Conclusões parciais

Madeira que cupim não rói é uma iniciativa para uma pesquisa etnográfica utilizando ferramentas audiovisuais por meio da internet. Trata-se de uma proposta de etnomusicologia colaborativa de grandes dados. Como apresentado na proposta do GT 06, o uso destes modelos baseados em ferramentas audiovisuais tem sido cada vez mais recorrentes, porém, diante da pandemia, que impossibilitou muitas pesquisas de campo, a utilização de ferramentas virtuais por meio de plataformas digitais - pré-prontas ou mesmo as que exigem maior desprendimento de conhecimento de informática - estabeleceu-se como uma prática cotidiana.

Para além dos objetivos acadêmicos, a ferramenta criada para o projeto tem um papel social relevante, auxiliando rabequeiros do Ceará na organização do currículo artístico. Além disso, consideramos também uma ferramenta com objetivo didático, pois ao preenchê-la o rabequeiro aprende a manipular seu celular para outras finalidades.

Outra contribuição é que, diferente do livro, o formato adotado para a disponibilização dos dados oferece um registro mais completo dos rabequeiros, com áudio, fotografias e vídeos; além do acesso para o mundo do todo via web. Isso contribui para a inserção dos rabequeiros no mundo virtual.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, ainda não é possível responder todas as questões elencadas e motivadoras do projeto. É possível dizer que se trata de uma metodologia nova para o trabalho de campo e ainda existem alguns desafios, principalmente em relação ao seu uso pelos próprios pesquisados, mas, o que se espera como resultado, ou seja, o produto audiovisual, é bastante motivador. Não é possível também responder sobre a razão da rabeca, apesar de presente em diversos locais do estado, não ser um instrumento tão representativo na “cena musical” do Ceará. Finalmente, a pesquisa ampliará os estudos sobre a etnografia em etnomusicologia, por meio do audiovisual e de uma metodologia decolonial de coleta de dados.



Etnomusicologias no Brasil: caminhos trans/formativos, dilemas e desafios vividos e por vir

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

Referências

- ARAÚJO, S. From neutrality to praxis: The shifting politics of ethnomusicology in the contemporary world. *Musicological Annual* [s.l.], 44, no. 1, p. 13-30, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/204326272.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- CAMBRIA, V.; FONSECA, E., e GUAZINA, L. “Com as pessoas”: Reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. In: LÜHNING, A.; TUGNY, R. P. de (org.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 93-138.
- CAMILO, K. Democratização do acesso à tecnologia. *Instituto de Referência em Internet e Sociedade*. Belo Horizonte, MG, 2019. Disponível em: <https://irisbh.com.br/democratizacao-do-acesso-a-tecnologia/>. Acesso em: 1 set. 2021.
- CARVALHO, G. de. *Tirinete - Rabecas da tradição*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018. 436 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47625>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- CARVALHO, G. de. *Rabecas do Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. 330 p.
- COSTA, J. M. S. As políticas culturais do Ceará e sua relação com o movimento cabaçal. In: III ENECULT. 3, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: Enecult, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/JaneMeyreSilvaCosta.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- GRANT, C. Academic flying, climate change, and ethnomusicology: personal reflections on a professional problem. *Ethnomusicology Forum*, Routledge, vol. 27, no. 2, p. 123-135, 2018.
- IMPEY, A. *Song Walking: Women, music, and environmental justice in an African borderland*. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- ITAÚ CULTURAL. Ocupação Mário de Andrade. Missão. Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/mario-de-andrade/missao/>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- JULIANO, O. A árvore da música/The music tree. InterFace Filmes e North Produções, 2009. 80 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DyETBYW-BOU>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- MENDONÇA, P. (org). Ethnomusicology in Rio de Janeiro, Its Praxis, Methods and Political Engagements: An Overview of the Participatory Action Research Groups of the Ethnomusicology Laboratory of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). 12 June 2021. *ICTM Dialogues*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bGPXRGeLS4U>. Acesso em: 3 set. 2021.
- MOTT, I. Rabeca.org: um mapa e banco de dados da rabeca brasileira, portuguesa e o rawé guarani. Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes-UNB. Disponível em: <https://rabeca.org/>. Acesso em: 22 ago. 2021.



**Etnomusicologias no Brasil:
caminhos trans/formativos, dilemas
e desafios vividos e por vir**

20 anos da Associação Brasileira de Etnomusicologia

SAVAGE, P. E. Alan Lomax's cantometrics project: A comprehensive review. *Music & Science*. 1, SAGE, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2059204318786084>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SCHIPPERS, H.; GRANT, C. (ed.) Sustainable Futures for Music Cultures: An Ecological Perspective. Oxford Scholarship Online, 2016. Disponível em: <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780190259075.001.0001/acprof-9780190259075>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SILVERS, M. B. *Dry Signals*. Sensate Journal. Lemann Center for Brazilian Studies at the University of Illinois at Urbana-Champaign.

SOLIS, G. Music technology in ethnomusicology. In: RUTHMANN, S.A; MANTIE, R. (Eds.). *The Oxford Handbook of Technology and Music Education*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 57-63. Disponível em: <https://experts.illinois.edu/en/publications/music-technology-in-ethnomusicology-3>. Acesso em: 2 set. 2021.

TSING, A. L. et al. *Feral Atlas: the more-than-human anthropocene*. Stanford University Press. Disponível em: <http://feralatlas.org/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. UECE concede título de Notório Saber em Cultura Popular. Universidade Estadual do Ceará. [s.l.] 10 dez. 2019. Disponível em: <http://www.uece.br/noticias/uece-concede-titulo-de-notorio-saber-em-cultura-popular/>. Acesso em: 14 ago. 2021.